

capa

16 JAN 2005

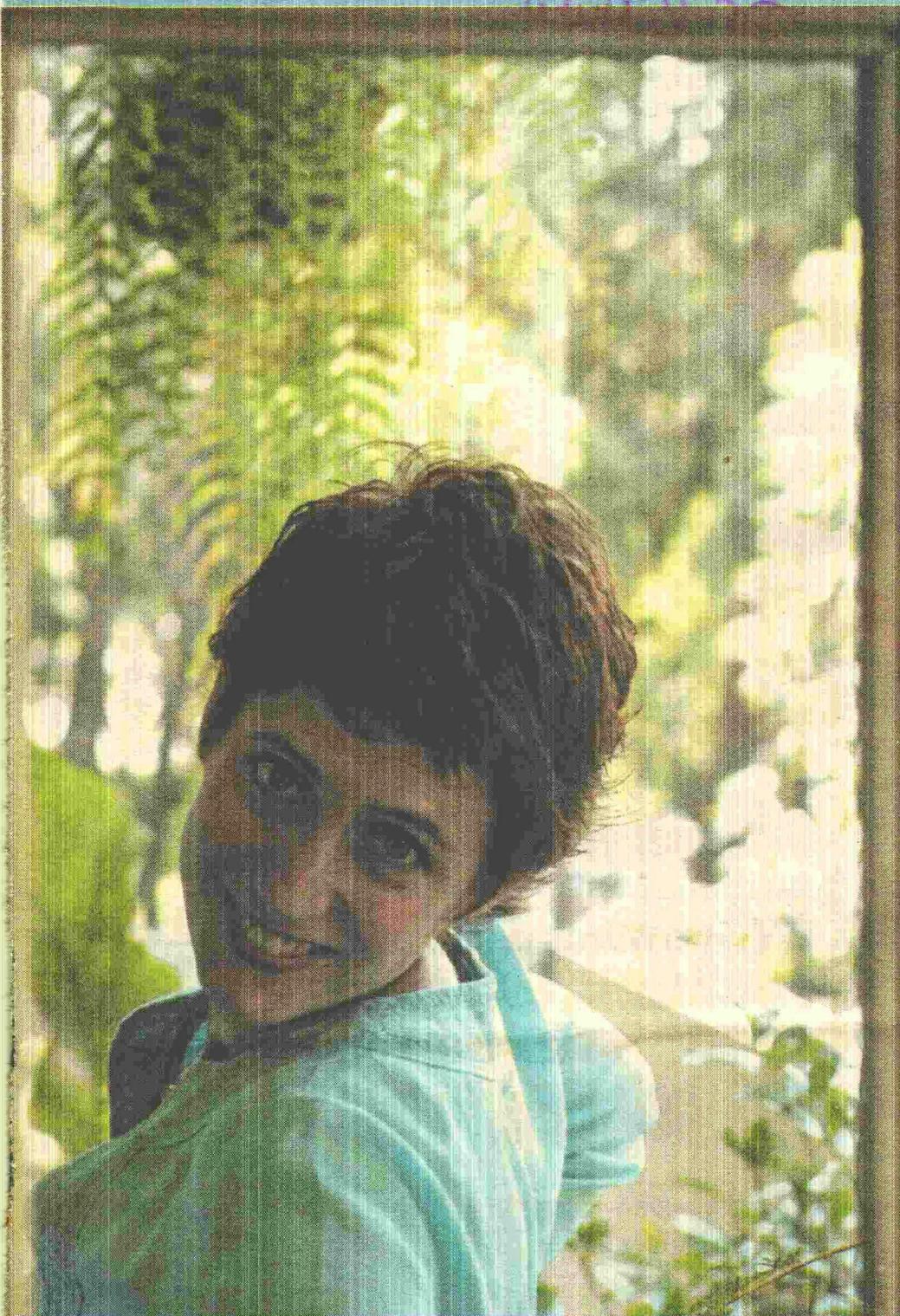
CORREIO BRAZILIENSE

Compra-se e vende-se cultura

A cada ano, aumentam as opções do brasiliense interessado em ir ao cinema, comprar livros, CDs, DVDs e obras de arte

HENRIQUE FRÓES // DA EQUIPE DO CORREIO

O brasiliense tem fome e sede por cultura. Não se furta em abrir a carteira para comprar um livro, obras de arte, ir ao cinema. Nos últimos anos, a cidade vem ganhando cada vez mais opções para que a população com a maior renda per capita do país possa saciar seu desejo. A oferta de bens culturais hoje, em Brasília, já condiz com o status de capital do país. De 2000 para cá, só para citar alguns exemplos, a cidade ganhou o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), que hoje conta com cinema, teatro e galeria, além de uma filial da Livraria da Travessa. Novas salas de cinema na Academia de Tênis, Aeroporto, além dos dois complexos do Cinemark. Uma megaloja de livros, CDs, DVDs e outros produtos (a Fnac). Em 2005, serão inauguradas oito salas de cinema e uma filial da Livraria Cultura no Casa Park. Com tantas opções, é cada vez mais difícil alegar que não há onde ir ou comprar em Brasília, reclamação que era comum ouvir no passado. Isso, mesmo nos primeiros meses do ano, que já foi considerado um período morto. Hoje, a questão parece ser escolher qual a melhor opção para onde ir, comprar e quanto gastar. A oferta maior de bens culturais vai formando um público especializado, exigente e bem informado. E cada vez mais disposto e ávido por consumir cultura.



Ricardo B. Labastier

28 DELÍCIAS *E tudo acaba em pizza! As de massa fina, bem crocantes, estão em alta na cidade. Os sabores picantes são as preferidas do público que não dispensa um chopinho, ou refri, para acompanhar. Mas tudo sem ketchup, por favor.*

30 EM DEBATE *O ato de comer traduz sinais. Ali reconhecemos formas, texturas, temperaturas e até povos. A formação social e cultural do brasileiro é entendida pelo que se come e como se come.*

20 a 23 DECORAÇÃO *Fuxicos, casinhas de barro e objetos de bambu contam a história do Brasil nas prateleiras de grandes lojas de móveis. Além do consumidor, quem ganha são as comunidades produtoras que reerguem suas economias e revelam artesãos.*

24 e 25 GENTE *Britney, Timberlake e Evanescence pertencem à pior categoria de cantores que existe: a de música pop. A opinião é de Eman Laerton que vai aos shows dos desafetos só para protestar.*

26 DÚVIDAS DO LEITOR *Estresse, ansiedade e insônia, além de doenças cardíacas, estão associados à síndrome da pressa. Confira as dicas para acabar com esse mal e evitar problemas futuros.*

27 DESTAQUE-SE *Conselho Americano de Exercício divulga lista do que não deve ser feito para entrar em boa forma. Um dos conselhos para ficar esbelto em 2005 é fugir das dietas da moda.*

29 O BERÇO DA PALAVRA *O advogado do diabo defende causas que ninguém quer, aquelas que a gente olha e pensa que estão perdidas. A origem da expressão é religiosa, vem da Igreja Católica, que nos processos de santificação nomeia alguém para descobrir os defeitos do futuro santo.*

31 PASSATEMPO *A vez é de Saturno e Plutão se encontrarem. Para a humanidade o efeito é experimentar. Mas Oscar Quiroga avisa que a vontade de fazer coisas novas é impedida por complexos e proibições, cuja única função é perpetuar o estado de medo.*



O CASAL WALTER E TATIANA NA FILA PARA O CINEMA: SALA CHEIA PARA VER FILMES ALEMÃES

CENTRO DE CULTURADE

Domingo à noite. O artista plástico Walter Menon, 38 anos, acompanhado da namorada e um amigo, consegue os últimos três ingressos para a sessão das 20h30. Será a única exibição do filme *Num ano com 13 luas*, do cineasta Rainer Werner Fassbinder, durante a mostra Novo Cinema Alemão, que se encerra hoje no CCBB. Os 74 lugares são ampliados com a colocação de cadeiras avulsas, todas elas ocupadas. E assim permanecem durante cerca de duas horas diante do

pouco palatável cinema de Fassbinder e a história de um transexual.

É o quarto filme da mostra que Walter assiste, aproveitando as férias. "São coisas que tinha visto nos anos 80 e que marcaram minha adolescência", explica o artista plástico, que ainda pretende ver outros filmes até o final da mostra. Para isso, paga R\$ 4 na entrada, mais o saquinho da pipoca (R\$ 2). "Até a pipoca é barata. E boa", ri. Freqüentador assíduo do espaço, Walter afirma que a inauguração do CCBB em Brasília trouxe um enorme diferencial para a cida-

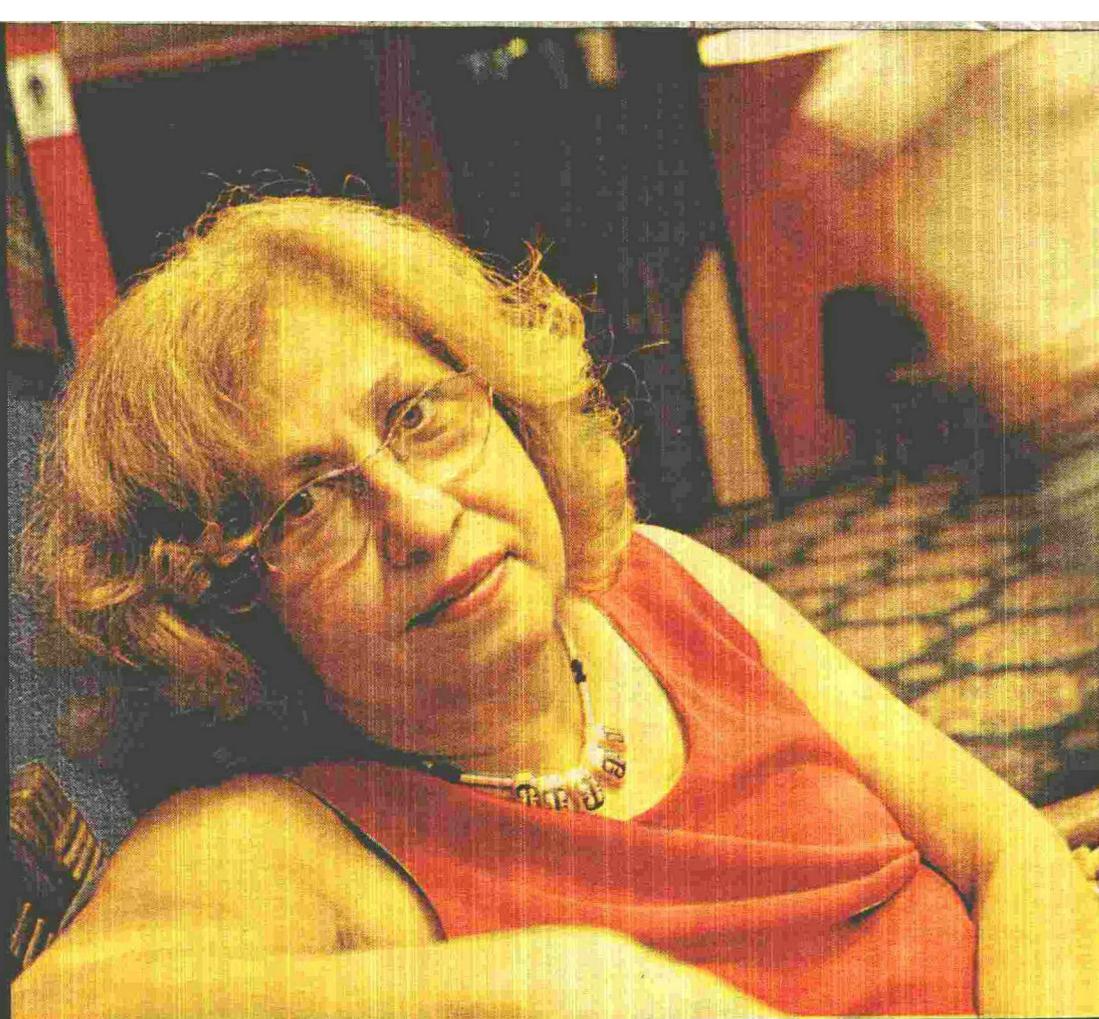
de, principalmente na parte de exposições. "Aqui eu vi a mostra da África, da arte gráfica russa, do modernismo brasileiro e de alguns artistas contemporâneos", lembra. Walter é uma das 402 mil pessoas que passaram pelo CCBB em 2004, quase o dobro do público registrado em 2003 (226 mil). Grande parte foi atraída pelas exposições *Arte da África* e *Renato Russo*, que, juntas, levaram cerca de 150 mil pessoas ao local. Eventos desse porte, explica o diretor da instituição, Marcelo Mendonça, aumentam a visibilidade do espaço e

criam um novo público. "A pessoa vem, vê que o espaço é bacana e passa a frequentar", explica.

Mas quem são esses frequentadores? Segundo pesquisas de público do CCBB, eles são, na maioria, mulheres (63%), solteiros (59%), têm nível superior completo ou pós-graduação (55,7%), estão na faixa etária dos 20 aos 39 anos (51%) e frequentam o lugar com amigos ou familiares (61,73%). "Esses dados são parecidos com os verificados em São Paulo e no Rio de Janeiro. Pode-se afirmar que esse é o perfil do consumidor



de cultura", explica Mendonça. Para ampliar as opções desse público, o CCBB vai trazer novidades em 2005: a construção de uma sala multiuso destinada a seminários, palestras e oficinas, a reforma dos jardins para a realização de exposições ao ar livre e a transformação do refeitório da instituição em um restaurante aberto ao público. "Queremos sempre tornar o espaço tão agradável que a pessoa possa vir mesmo sem saber a programação", afirma o diretor do CCBB.



Fotos: Ricardo B. Labastier

CINEMA DIFERENCIADO

Na vizinha Academia de Tênis, a professora universitária aposentada Ivonete Almeida, 60 anos, espera para assistir ao quarto filme em apenas uma semana. Já viu *Jornada da Alma*, *Peões* e *Má educação*. É sexta-feira, 19h e um bom público faz fila nas bilheterias, circula pelo hall ou toma um café esperando a hora da sessão. Para Ivonete, é dia de ver o austro-germânico *Edukators*. Ela não tem preferência por diretores ou atores específicos. Só não gosta dos filmes norte-americanos, de temáticas semelhantes e pouca crítica, afirma ela, no que chama de "mesmice americana". "Gosto de ver coisas diferentes", explica a professora, que, no último Festival Internacional de Cinema (FIC Brasília), realizado há seis anos no local, conseguiu a proeza de assistir a 16 filmes num espaço de onze dias.

É um público com o perfil de Ivonete que faz com que as dez salas da Academia de Tênis recebam uma média de 30 mil pessoas por mês de janeiro a fevereiro. E fez com que o FIC Brasília recebesse 22 mil pessoas em 2004, contra 14 mil no ano anterior, e assistiu a filmes como *Invasões Bárbaras* e *Adeus, Lênin*, sucessos do ano passado. "Proporcionalmente, Brasília tem o mesmo público para o cinema de arte que São Paulo e Rio de Janeiro", explica Marco Farani, que, além dos cinemas da Academia, é responsável pela sala da Cultura Inglesa e dos quatro cinemas do Aeroporto, inaugurados em fevereiro de 2004. "A oferta e a demanda de cinema em Brasília foram crescendo juntas. O aumento do público que

consome cultura na cidade é palpável", explica.

Segundo a Filme B, empresa especializada em cinema, o mercado do Distrito Federal é considerado ideal: com uma relação de 28 mil habitantes por sala de cinema, supera com folga o estado de São Paulo, segundo colocado no ranking, com 57 mil habitantes por sala. "Esse número do DF é um objetivo que o Brasil todo tem que perseguir", afirma Paulo Sérgio Almeida, diretor da empresa. O DF é campeão no quesito público: cada brasileiro vai, em média, 2,3 vezes por ano ao cinema. No Rio de Janeiro e em São Paulo, essa média é de 1,1. "O fato de ser uma cidade nova, que conta com muitos shoppings e tem uma grande oferta de salas explica porque Brasília é tão favorável ao mercado de cinema", diz Almeida.

Mas o público brasileiro quer mais. "Detectamos uma carência enorme na diversidade de oferta na área", explica Pedro Olivoto, o presidente da Embracine, empresa que escolheu a capital para estrear no mercado. Com previsão de inauguração para maio ou junho deste ano, a empresa abrirá oito salas com 1.500 lugares no shopping Casa Park. Ainda sem nome, o complexo de cinemas será dedicado ao "cinema de repertório": filmes asiáticos, europeus e sul-americanos (inclusive os brasileiros), além de produções norte-americanas de qualidade. "Queremos trazer o público do cinema comercial para o de arte e vice-versa", explica Olivoto. No complexo, também haverá um café, com espaço para pequenos shows e sa-raus. Além disso, será realizada todos os meses uma mostra temática de filmes.

Em números

7

novas livrarias foram abertas no DF em 2004, segundo a Câmara do Livro do Distrito Federal

Existem

163

livrarias em todo o DF, de acordo com o Sindicato do Comércio Varejista de Material de Escritório, Papelaria e Livraria do Distrito Federal (Sindipel)

A Fnac de Brasília recebe, em média,

3 mil

pessoas diariamente

O CCBB teve um público, em 2004, de

402 mil

pessoas, quase o dobro do registrado em 2003 (226 mil)

Com 72 salas de cinema (dados de 2003), o Distrito Federal tem uma relação de

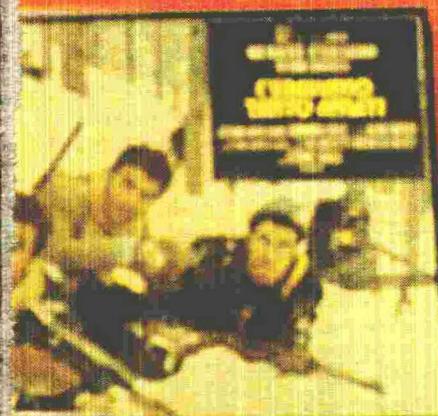
28 mil

habitantes por sala, o melhor índice do Brasil (cuja média é de 93 mil habitantes por sala)

Cada brasileiro frequenta o cinema, em média,

2,3 vezes

por ano, um recorde nacional. A média brasileira é de 0,61 vezes por ano



Passeio e discos

São quase duas horas da tarde de uma sexta-feira. Bem à vontade, os estudantes Murilo Magalhães e Artur Soares, ambos de 20 anos, sentam-se no chão para folhear os livros. O primeiro está mais interessado em quadrinhos, enquanto o outro é mais afeito a obras sobre música. Para eles, esse é um programa já repetido pelo menos dez vezes: passear pela Fnac, a loja francesa que chegou a Brasília em 2004 e se tornou um dos maiores atrativos para o brasiliense ávido por gastar com cultura. Os estudantes começam pela seção de computadores, que fica logo na entrada. Depois, dão uma passada rápida nas sessões de DVDs e CDs - para onde voltarão em breve - chegam à seção de livros de arte e importados onde Murilo fica namorando os quadrinhos do Asterix e do Calvim.

Os dois amigos se separam. Artur vai para a seção de discos de música clássica, sua preferida. Olha calmamente os CDs, vez ou outra puxa um para olhar o preço. "Esse, por exemplo, eu já tenho, quero ver o preço para ver se paguei barato", explica. Consumidor controlado, como se define, compra no mínimo três CDs por mês. Quando não encontra na Fnac ou em uma das lojas Discoteca 2001, pede para importar na Wom - World of Music. Se fosse seguir seus impulsos (e tivesse dinheiro), levaria na hora duas caixas do acervo da loja: uma com as sinfonias de Mozart, na regência de Christopher Hogwood (19 CDs, R\$ 830,50), outra com todas as canções de Schubert (21 CDs, R\$ 1.047,50). "Hoje vim só para olhar", desconfessa.

Enquanto isso, Murilo vaga pela seção de DVDs. Pára e fica babando no pacote do *Matrix* (10 DVDs, R\$ 282,90). "Sou fã, mas se fosse comprar procuraria mais barato na internet", conta ele, que quando vai gastar, dá preferência a CDs de nu-metal. O estudante chama o vendedor e pergunta pela caixa com vários episódios da série *Seinfeld* (R\$ 99,10). "Acabou, estava na promoção", ouve como resposta. Nas prateleiras, ainda dá uma olhada nos pacotes de filmes do diretor Oliver Stone. "Esse compensa levar, são quatro filmes por R\$ 78,90", afirma. Mas hoje, para ele, não é dia de compras. Artur, já indo embora, pergunta ao vendedor, por desengano de consciência, se tem um disco com a gravação do Réquiem, de Verdi. Tinha. Escondido numa gaveta. Artur não resiste. O passeio descompromissado acabou custando R\$ 96,90. "Esse estava na minha lista dos mais procurados", justifica-se.

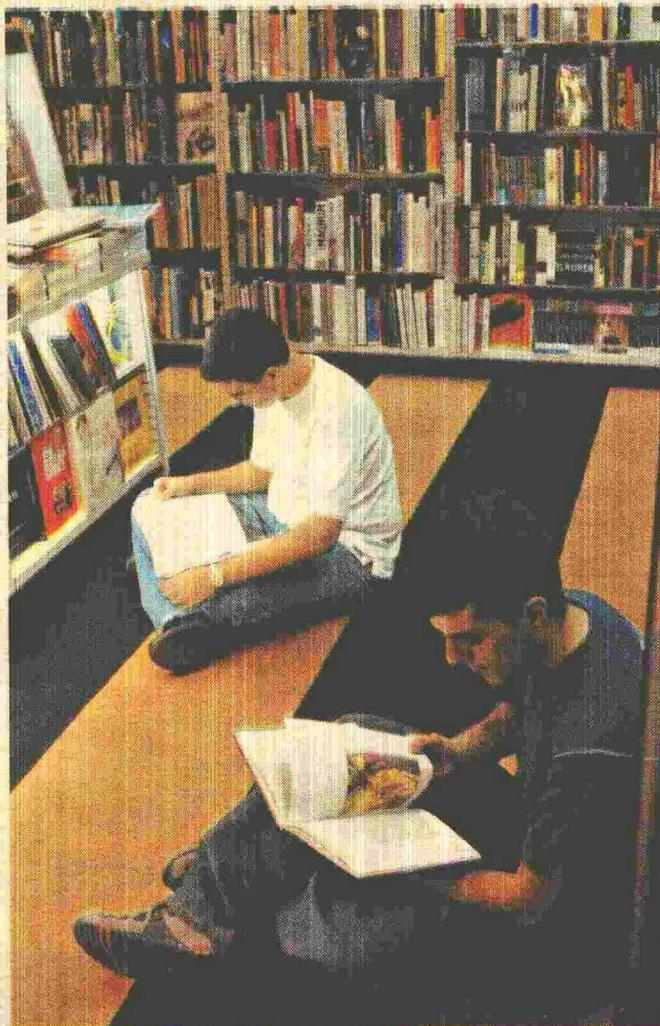
Quanto custa



Miles Davis e John Coltrane - Complete Columbia Recordings: Caixa contendo 6 CDs
Preço: R\$ 390

John Coltrane - The Classic Quartet
Caixa com 8 CDs
Preço: R\$ 504

Onde encontrar: Discoteca 2001



ACIMA, ARTUR (E) E MURILO APROVEITAM A HORA DO ALMOÇO PARA FOLHEAR LIVROS NA FNAC. ABAIXO, SALOMÃO BUSCA LIVROS E CDS



Compulsão por livros

Na mesma sexta-feira, o escritor Salomão Sousa, 52 anos, também passeia pela Fnac, onde costuma ir pelo menos uma vez por semana. Veio com a intenção de ver se havia chegado o livro de coletânea de crônicas de Lima Barreto. "Acho que só sai em fevereiro", diz. E acabou saindo com dois CDs de jazz de Cecil Taylor (R\$ 86,00). Apesar da paixão por livros, não descuidou da coleção de jazz. "Muitas pessoas acham que não deveriam gastar tanto com cultura. Eu gasto com prazer", afirma ele.

A servidora pública Cláudia Neves, 35 anos, é mais direta. "Sou compulsiva mesmo", garante a consumidora que faz a alegria dos vendedores, seja em uma das lojas da Siciliano, no Café com Letras ou na Esquina da Palavra. A última é uma de suas favoritas, por onde costuma passar depois do horário do trabalho para comprar obras de literatura, o gênero favorito, seguido por livros de arte, história e técnicos. Quanto ela gasta por mês com livros? "Alguém vai querer me seqüestrar se eu contar isso", brinca.

Como todo bom consumidor de livros da cidade, Cláudia aguarda com expectativa a abertura da filial da Livraria Cultura, uma das mais tradicionais de São Paulo, no Casa Park. "Assim vamos ter aqui as livrarias mais representativas do país", afirma. A megaloja paulistana, que já possui filiais em Porto Alegre e Recife, será inaugurada provavelmente em junho. Terá um café (lógico) e um auditório para a promoção de eventos. "Tudo o que a loja de São Paulo oferece vai ter em Brasília", conta o diretor da empresa, Pedro Heróz.

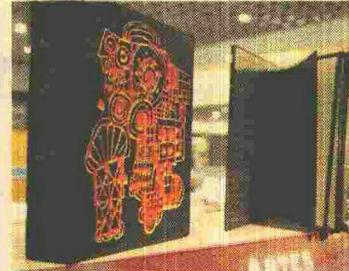
A presidente da Câmara do Livro do Distrito Federal, Íris Borges, afirma que o mercado local de livros está bem diferente do que era há cinco anos. Houve um crescimento não só da oferta, mas também da demanda. "Houve um aumento da consciência da importância da leitura. Um exemplo disso são os eventos relacionados à literatura, com a presença de escritores, que são sempre concorridos", afirma. Íris destaca que, além das megalojas, Brasília conta com livrarias especializadas em áreas como música, livros técnicos, educação e psicologia, literatura infanto-juvenil. "O mercado de Brasília consegue atender aos mais variados interesses de um público especializado e exigente", explica.



Edição especial Fritz Lang: 3 caixas com 12 DVDs no total
Preço: R\$ 210 cada caixa. R\$ 630 no total
Onde encontrar: Discoteca 2001



Leonardo da Vinci - Obra completa de pintura e desenho
Preço: R\$ 980
Onde encontrar: Fnac



Obra completa de Hundertwasser:
2 volumes
Preço: R\$ 1.484
Onde encontrar: Fnac



Fotos: Ricardo B. Labastier

Um quadro ou uma televisão?

No escritório do economista Henrique Domingues Neto, 50 anos (foto acima), sobraram poucas paredes ou espaços vagos. Quadros, esculturas, mobílias e relógios antigos estão distribuídos por várias salas, nem sempre numa mistura harmônica. “Gosto do choque do tempo entre o novo e o antigo”, explica. Henrique é um colecionador de artes e antigüidades em geral. Sua coleção, que começou a ser formada nos anos 80, possui, entre outras, peças de Siron Franco, Iberê Camargo, Guignard, Burle

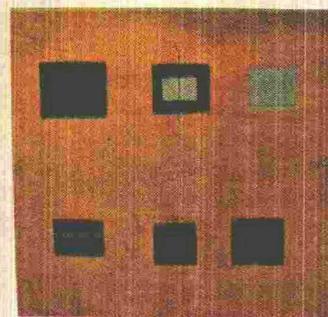
Marx e Rubem Valentim. “Tem gente que acha caro pagar R\$ 2 mil num quadro e gasta isso num televisor. Eu sou ao contrário”, explica. Sempre em busca de novas peças para sua coleção, Henrique é freqüentador assíduo dos leilões de arte que acontecem na cidade. Também gosta de ir às galerias da cidade, como a Referência e a Visual. Sempre quando são realizadas, não perde uma feira de antigüidades, seja no Casa Park ou no Gilberto Salomão, aos finais de semana. Chega de manhã, quando o público é menor, para poder olhar com calma o que está em exposição. Para ele, o mercado de obras de arte em Brasília tem muitas opções. “Aqui tem de tudo, só precisa comprar lá fora quem quiser um Van Gogh”, brinca. ■



Escultura de Luiz Hermano (sem título)
Preço: R\$ 5 mil
Onde encontrar: Galeria Referência



Arthur Rubinstein: Caixa com 94 CDs
Preço: R\$ 6.489,90
Onde encontrar: Fnac



Quadro de Emanuel Nassar
(sem título)
Preço: US\$ 6.500
(aproximadamente R\$ 17.680)
Onde encontrar: Galeria Referência



Escultura Pietá, de Victor Brecheret
Preço: R\$ 38 mil
Onde encontrar: Casa amarela



Por Juliana Moreira Lima

ABAIXO-ASSINADO

Participação negada

A atriz Winona Ryder passou vergonha na semana passada quando quis colocar o seu nome em um abaixo-assinado pedindo ao presidente norte-americano George W. Bush que ratifique o Tratado de Kyoto. A atriz estava prontinha para assinar o papel quando uma das responsáveis disse: "Pera! Você não foi condenada por um crime?". A atriz respondeu: "Fui sim. E daí?". E daí que criminosos não podem assinar abaixo-assinados oficiais que vão passar pelo Senado. Winona foi condenada por ter roubado mais de US\$ 5 mil em mercadorias de uma loja em Beverly Hills. "Tenho uma ficha criminal e infelizmente não pude assinar o abaixo-assinado. Foi uma situação muito embaraçosa", admitiu a atriz.

CRIME

Ladrão perdido

Depois de assaltar um posto de gasolina no estado de Washington, no oeste dos Estados Unidos, o ladrão voltou ao mesmo posto para pedir informações sobre como chegar em Seattle. O ladrão de 22 anos era canadense e assim que levou o dinheiro do local foi perseguido por policiais por mais de 100km. Ele rodou por um bom tempo até encontrar um posto de gasolina. Ele não fazia idéia de que era o mesmo que tinha assaltado havia algumas horas. Os funcionários o reconheceram e chamaram a polícia que, desta vez, prendeu o homem.

MUNDO QUASE ANIMAL

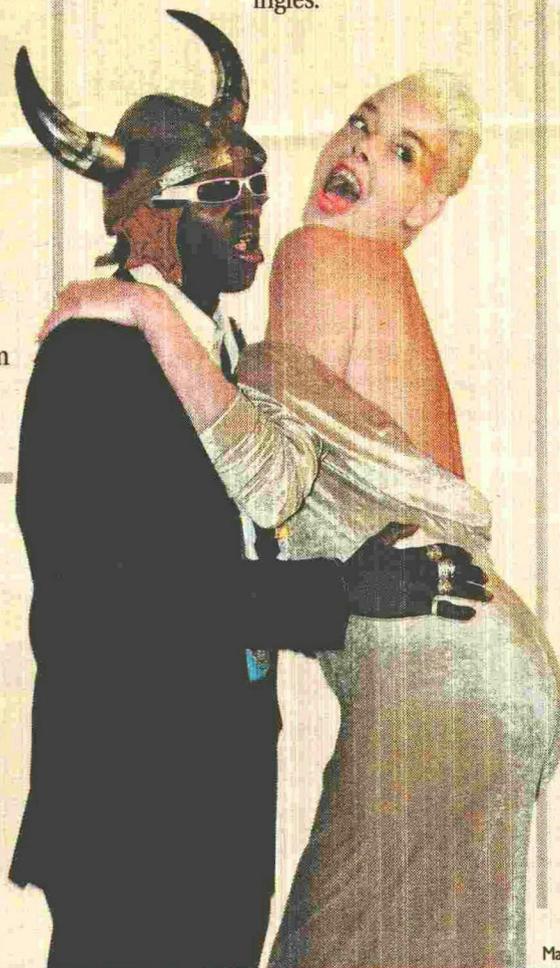
O homem-cão

Um motorista suíço levou um susto depois que atropelou um enorme cachorro numa rodovia de Lucerne. O homem parou o carro e quando viu de perto, o cachorro, na realidade, era um bêbado com fantasia de cachorro. O homem de 25 anos foi carregado pelo carro por mais de 20 metros até que o motorista conseguiu frear. Por sorte a fantasia o protegeu e a vítima não sofreu um arranhão sequer.

BIG BROTHER

Stallone X Nielsen

Em semana de estréia de mais um *Big Brother Brasil*, uma notícia chamou atenção no mundo dos bisbilhoteiros de plantão. Jacqueline Stallone, 71 anos, mãe do grandalhão Sylvester Stallone, aquele mesmo dos filmes *Rambo* e *Rocky*, fará parte do elenco de *Celebrity Big Brother*, versão inglesa do *reality show* na qual participam alguns "famosos". Quem não gostou muito da nova integrante da casa foi Brigitte Nielsen (*a loira da foto abaixo*), ex-mulher do Rambo e ex-nora de Jacqueline. Na época em que foi casada com Stallone, Brigitte teve que ouvir da boca da sogra, que em caso de terremoto, uma cratera deveria se abrir em baixo dos pés da ex-senhora Stallone para egolir a pobre moça. Resta saber se o tremor ocorrerá durante o *BB* inglês.



MODA

Leilão da solidariedade

O estilista galês Alexander McQueen doou um dos vestidos de noite mais deslumbrantes de sua última coleção apresentada durante a semana de moda londrina, em setembro do ano passado, para ser leiloado. Todo o dinheiro arrecadado será revertido para ajudar as vítimas do maremoto na Ásia. O estilista disse ao jornal galês *Western Mail* que perdeu dois amigos na tragédia. "O desastre tocou os corações de milhões de pessoas no mundo todo. Como estilista estou feliz em poder ajudar", ressaltou. Os interessados em participar do leilão virtual podem acessar o site www.icwales.co.uk.

Lacroix à venda

A gigante LVMH (Louis Vuitton, Moët Chandon e Hennessy) está se livrando da marca Christian Lacroix que fazia parte do conglomerado de luxo bilionário. O comprador é a Falic Group, uma empresa da Flórida, que admitiu estar em negociações. O estilista Lacroix não se abalou. "Estou confiante. Com a LVMH ou com qualquer outra empresa, o meu trabalho continuará o mesmo", afirmou. A maison Lacroix tem dado prejuízo ao grupo nos últimos anos - especialmente a linha de alta-costura. No entanto, o estilista continuará a desenhar a coleção de prêt-à-porter da grife Pucci, também do grupo LVMH.

De volta à capa

A supermodelo Cindy Crawford está na capa da revista *Vogue America* deste mês. Poucos dias antes de completar 39 anos, a morena posou pela oitava vez para a publicação. Dezoito anos e dois filhos após a primeira capa, ela continua linda. A cada virada de página, Cindy tira gradualmente as roupas. A modelo ainda é considerada uma das mulheres mais sensuais do mundo e prova isso nas fotos de Nick Knight.

No cinema

E para quem quer algo mais da moda do que simplesmente saber o que vai vestir na próxima estação, o Centro Cultural Banco do Brasil apresenta hoje às 16h30 o documentário *Caderno de Notas sobre Roupas e Cidades*, em que o diretor alemão Wim Wenders acompanha o estilista japonês Yohji Yamamoto pelas ruas de Tóquio e Paris. Eles conversam sobre as duas cidades e sobre a moda como obra de arte.